

alternativa

EDIÇÃO
MENSAL - 14 pag.

JORNAL DA COLÔNIA MARANHENSE

Brasília, ano II - nº 13, novembro de 1979.

editorial

"Se um homem não sabe para que porto está navegando, nenhum vento lhe é favorável". (Seneca)

Dar origem, alimentar uma idéia é desejar que esta escape do plano teórico e se sedimente no terreno prático. Assim, para galgarmos esta idéia de jornal, há um ano estamos a fazê-lo e desde então, acreditamos no "ALTERNATIVA".

Não é difícil, na realidade, concretizar uma idéia - nós fundamos um jornal - mas, dificultosa é a luta para permanecer. Permanecer com um jornal nas ruas, mensalmente, durante um ano, sem fins lucrativos. Apenas envergando a bandeira da comunicação; de se fazer experiência.

Trabalho e perseverança nesta primeira virada de ano, não nos faltou: renunciou-se os finais de semana, o bastante para estar circulando, para ser entregue no prazo fixado; em síntese, foram desprendidos energia e tempo, regra à parte, as nossas economias para se manter viva a proposta.

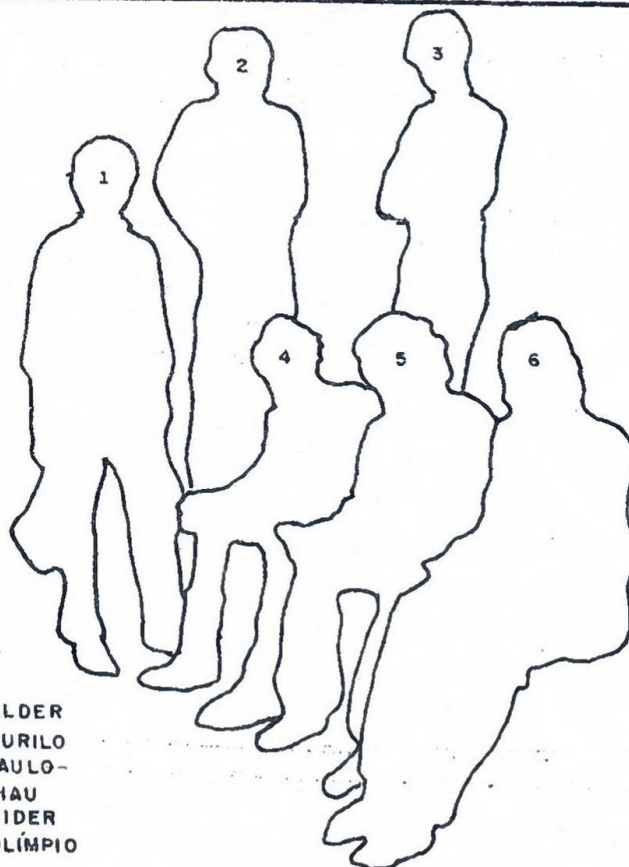
Se se não correspondeu inteiramente as nossas expectativas, nem assim poderemos classificá-lo como um fracasso: acertamos na maioria, mas praticamos erros bisonhos em outras. Recebemos elogios e críticas - as pertinazes críticas enviadas, foram devolvidas à altura da língua - gem. Tudo isto servindo como mais um pretexto para continuarmos unidos, concomitante com a nossa causa.

Falar deste aniversário é discorrer sobre nós mesmos, numa única peça, em diferentes episódios. Fatos interessantes, indiferentes, burlescos. Histórias inerentes em cada componente. Se duvidarem perguntem aos que estão aí na foto - Alder, Murilo, Paulo, Piau, Olímpio e (...) -, cada um, reconstituirá com riqueza de detalhes os seus papéis na peça.

Já ensaiados para outras aventuras que indubitavelmente não de vir, ficamos por aqui comemorando este simples aniversário, e quem sabe para comemorar no próximo ano, um novo aniversário. Até lá!

Eider Araújo Moraes

EQUIPE DO ALTERNATIVA.



- 1 - ALDER
- 2 - MURILO
- 3 - PAULO
- 4 - PIAU
- 5 - EIDER
- 6 - OLÍMPIO

A N O - II: Nº 13 - NOVEMBRO

1 9 7 9ALTERNATIVA - EXPEDIENTEDIRETOR

Olímpio Cruz Júnior

EDITOR

Eider Araújo Moraes

REDATORES

José Murilo M. Sousa

José Sousa Melo

Bodanski

ARTE

Aeldo S. Luna (PIAU)

E

Paulo Sousa Luna

REPÓRTERES

PIO e BIZÚ

COLABORADORES

Aldemir Sousa Luna

Antonio Jaldo N. Santos

Be e a m

Benedito Cássio

Olímpio M. Cruz

Osmar Monte

CORRESPONDENTESAdilson Araújo de Sousa
Recife - PE.Adrias B. Milanova
São Luis - MA.ENDEREÇOQ.I. 06 - CONJUNTO "D" CASA 54
GUARÁ - I. - BRASÍLIA - DF.

C E P - 71000

TELEFONES

568 1700

568 1291

568 0269

cartas

Sr. Diretor:

Após minuciosa leitura desse jornal, precisamente o nº 11, pude observar o grande esforço dessa equipe, ocasião que fui inspirada a escrever-lhes.

Um dos motivos primordiais, é demonstrar a necessidade de reforçar o entusiasmo existente em vocês e para isso anexo à presente, uma cópia sobre os "Lemas Otimistas" (podendo ser publicado), os quais motivam exatamente a perseverança, o desejo de progredir e servir aos leitores, dados produtivos.

Assim sendo, quero me por a disposição de toda essa equipe (mesmo não fazendo parte da colônia maranhense), para qualquer colaboração, ouer material ou até mesmo na aquisição de artigos úteis ao leitor.

Sucessos! Continuem sempre lutando para obter cada vez mais a melhoria na publicação do Alternativa.

Cordialmente.

Selma Leite

Brasília - DF.

Sr. Diretor:

Parablenzo a equipe do ALTERNATIVA pela passagem do primeiro aniversário.

É uma idéia posta a serviço da comunicação. Faço votos que cresça, dê bons frutos e que vocês possam se realizar como divulgadores, não só dos fatos destinados a colônia do Maranhão, mas de todo o Brasil, do mundo e desse universo ainda por explorar.

José Joaquim

Brasília - DF.

Toda matéria inserida neste órgão de informação que não conste o nome do autor, é de exclusiva responsabilidade do corpo editorial. Às assinadas em tutela do autor.

entrevista

CASA DO MARANHÃO SITUAÇÃO DIFÍCILÍMA

Constantemente, ouvem-se reclamações sobre a atuação pouco brilhante da Associação Casa do Maranhão. Queixam-se os associados entre outras, da falta de promoções, e quando o fazem, cobram um preço que vai além do poder aquisitivo dos mesmos. Nada melhor para falar sobre o assunto, que o próprio presidente da entidade, Antonio Gomes. Na entrevista que se segue, fala a respeito dos problemas enfrentados e pede a colaboração dos maranhenses.

ALTERNATIVA: Em que situação vocês encontraram a Casa do Maranhão quando as sumiram?

A. Gomes: Situação difícilíma. Era uma desorganização total, por exemplo, prestação de contas não foi feito; não havia serviço de secretaria organizado; não se sabia quantos sócios tinha, / aliás, não tinha nem sócio porque não cadastro de sócio, pelo menos não foi entregue pela diretoria passada e, só viemos a receber o material da Casa do Maranhão quase seis meses depois/ que assumimos.

ALTERNATIVA: Que material?

A. Gomes: Material de registro no Conselho, CGC, correspondências recebidas e expedidas.

ALTERNATIVA: Em recursos financeiros, o que deixaram?

A. Gomes: Cr\$ 1.200,00 (mil e duzentos cruzeiros) era o que tinha em caixa, só e nada mais. Débito do telefone era Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) que eu paguei do meu bolso. Inclusive o telefone já tinha sido retomado pela Telebrasil. Nós conseguimos recuperar esse telefone e atualmente se encontra lá no escritório do Conjunto/ Nacional a disposição da ACM. Não posso nem a utilizar - está lá a disposição.

ALTERNATIVA: Como surgiu o seu interesse em se candidatar a Casa?

A. Gomes: Não houve propriamente um interesse da minha parte. Aconteceu o seguinte: Eu na época era assessor jurídico da ACM, então a minha elei-

ção, digamos assim, foi toda coordenada pela assessoria jurídica, isso porque tinha surgido um impasse: havia 2 ou 3 chapas concorrendo a presidência, então, surgia brigas, questúnculas, confusão e alguém deu a idéia que se deveria fazer uma fusão, em vez de se dividir, teria que se somar, eu não sei quem deu essa idéia. Depois de marchas e contra-marchas se apresentaram 2 candidatos, um a presidência e outro a Vice-presidência, mas as facções não aceitaram - e aí surgiu o meu nome/ como elemento neutro que não pertencia a nenhuma das chapas e que seria um elemento de conciliação para que houvesse unidade entre as facções, e isso foi conseguido. As duras penas mas se conseguiu - hoje não existem mais divergências na Casa do Maranhão.

ALTERNATIVA: Qual a situação atual?

A. Gomes: Não está muito longe daquilo que nós encontramos. Já se fez alguma coisa, mas as dificuldades são tantas e são tão grandes que se conseguiram sair do impasse, mas não conseguimos, ainda atingir as metas que traçamos. Por exemplo: para que nos habilitemos a um terreno junto a Terracap, precisamos de um balançete e esse precisaria ser apresentado pela gestão anterior e não apresentaram.

ALTERNATIVA: E qual seria a maneira para se conseguir esse balançete?

A. Gomes: Houve uma cisão política entre a diretoria anterior com a atual. Não há diálogo, foi um rompimento total. Mas, a gente tem tentado um entendimento para ver se se consegue a prestação de contas e de todo mecanismo administrativo, pois tem dificuldade do muito a nossa administração - de tudo que se precisa fazer depende da prestação de contas da diretoria passada. Inclusive já houve membros da atual diretoria que sugeriu que se levasse ao poder judiciário. Evidentemente, que está havendo uma certa resistência.

ALTERNATIVA: Para facilitar a aquisição do terreno, vocês tentaram por intermédio dos políticos?

A. Gomes: Isso tem sido feito. Contatos, inclusive com o governador do Maranhão que vem prometendo. Sobre esse assunto eu tive pessoalmente com o Su-

ENTREVISTA / CONTINUAÇÃO PÁGINA 03:

perintendente da Terracap, e ele me falou o seguinte: "Não existe mais doação de terrenos em Brasília. O que existe são concessões excepcionais, preços excepcionais." Aí que reside o ângulo da questão: Os terrenos da Terracap eles são vendidos através de licitação pública; o que poderíamos conseguir é fossem vendidos pelos preços originais da licitação, diretamente. Precisamos da prestação de conta passada e sobretudo, demonstrar a capacidade de compra da entidade. E nós não temos. A renda que temos é de 1 ou 2 mil cruzeiros das mensalidades dos sócios.

ALTERNATIVA: Os associados têm colaborado?

A. Gomes: A grande maioria têm interesse que o movimento se estenda e que chegue nos seus objetivos. Em média 60% do pessoal que recebeu o carnê estão pagando realmente. Agora é muito pouco 50 cruzeiros, e a gente não pode cobrar mais porque a Casa não tem nada a oferecer.

ALTERNATIVA: Como se justifica essas promoções da ACM que só tem atraído a elite da colônia?

A. Gomes: A informação não é muito correta, não. Pelo contrário, afluência maior é da massa maranhense, haja vista as promoções que fizemos em Sobradinho do Bumba-Meu-Boi, Capoeira, Festa do Divino. Agora, já fizemos festas que só atraiu a elite: passeio pelo Lago. Mas, a idéia não é elitizar a ACM; é popularizar o máximo.

ALTERNATIVA: São poucas as promoções?

A. Gomes: Nesse ponto eu te dou razão. As promoções estão sofrendo um espaço grande de uma para outra. Isso é em função da falta de recursos. Em dezembro nós vamos programar duas grandes festas: um churrasco e outra em comemoração a fundação da ACM.

ALTERNATIVA: Além do terreno, quais são os outros objetivos da atual administração?

A. Gomes: A idéia central é pelo menos conseguir esse terreno. Agora, existe outras metas paralelas: firmar convênios com médicos, dentistas, advogados, etc., para prestar assistência, e isso já vem sendo feito com 2 médicos. Eu mesmo tenho feito orientações aos que me procura, isso sem ônus. Outra, seria divulgar a cultura maranhense.

ALTERNATIVA: Alguém poderia trabalhar nessa diretoria como voluntário?

A. Gomes: Outro aspecto terrível é a falta de mão-de-obra disponível. Então, o voluntário será sempre bem vindo.

ALTERNATIVA: Se o voluntário é bem vindo, por que o Deptº Cultural não é convidado para participar?

A. Gomes: Está aí mais um problema. Eu costumo dizer que ACM é um barco frado. O que houve foi um certo desencontro, uma falta de informação dos dois lados: eu mandava o pessoal telefonar e esses esqueciam. Agora, como já disse, precisamos de voluntários, está aberto a Casa para qualquer pessoa que queira participar. O que se precisa e de muita ajuda. Há reuniões que se estão realizando sem quorum, muitos não estão mais indo. Por exemplo: Nonato Cruz e Silas nunca mais apareceram.

ALTERNATIVA: As dificuldades, então são muitas na Casa do Maranhão?

A. Gomes: Hoje a ACM tem dificuldades quase insuperáveis. Temos que ter recursos para comprar o terreno que custa aproximadamente Cr\$ 200.000,00 mil cruzeiros; estamos comprando uma banca de revistas no valor de 50 mil cruzeiros; fazer uma campanha de novos sócios e fazer convênios. Para o próximo ano queremos arrendar uma chácara, já até começamos a manter contatos, estamos procurando, porque a Casa do Maranhão tem que ser um negócio permanente, onde o pessoal possa ir para fazer um churrasco, para se encontrar. Sabemos que o povo do Maranhão é muito cético, só acredita vendo. Mas, precisamos fazer isso, senão a Casa vai acabar.

ALTERNATIVA: A colaboração do alto escalão político maranhense não tem sido grande?

A. Gomes: Olha, a situação política do Maranhão é diferente dos outros Estados. Quando vamos pedir colaboração aos deputados, eles se escondem. Teve um que disse: "eu não quero contato com Casa do Maranhão." Não lembro o nome dele. Outros apenas hipotecam solidariedade, assim como o Edison Iobão.

ALTERNATIVA: E para finalizar?

A. Gomes: Façam um apelo ao pessoal se integrar. Um empenho maior, uma participação, senão o movimento fracassa.

A equipe do "ALTERNATIVA", com o também os ex-associados do Crenab ficarão aguardando o tesoureiro e o presidente desse extinto clube, para maiores explicações sobre o dinheiro dos associados. Veja a promessa que o presidente fez em artigo publicado na página 12, deste jornal. Aguardamos maiores explicações no próximo número. (BIZU)

O protozoário tripanosoma cruzi-agente causador da doença de Chagas - foi encontrado em Pedrinhas, São José de Ribamar e em quatro bairros da capital maranhense. (Do correspondente Milanova)

Ely e Mariinha Nava estão reforçando na Cidade Ocidental, a ideia de se fundar a Conferência Vincentina. (Lucas Franco)

CASAMENTO

A igreja Santo Cura D'Arns, Av. W-5 Sul, Quadra 914 - B, estará realizando a 1ª de dezembro o casamento de Lillian e Pedro. As 19:30. Os noivos receberão os amigos no salão paroquial nesta mesma igreja. (Jomus).

A colônia de Bacabal em Brasília, homenageou com uma grande festa no último dia 18 de Novembro o aniversário do deputado maranhense/bacabalense João Alberto. O Presidente da Casa do Maranhão - Antonio Gomes - qualificou de "desseguar" a beleza do deputado João Alberto em não ter nos convidado para esta festa da colônia de Bacabal." (MEA)

Será construído no Guará um grande mercado em lugar do atual Feira Livre, situada no Cave. Para isso, o GDF destinou uma verba de 33 milhões de cruzeiros. Para o próximo ano, o GDF destinou 36 milhões de cruzeiros às obras de urbanização do Guará. (BIZU)

OTIQUE

ANIVERSARIOS DE NOVEMBRO:

Maria Cruz.....	07/11
Gisélia Lemos Franco.....	10/11
Elias Cavalcanti.....	10/11
Luzi Rosa Rocha.....	11/11
Ney Vieira Nascimento.....	11/11
José Berocan S. Araújo.....	11/11
Cláudio Magno A. Morais.....	12/11
Carlos A. Cunha.....	16/11
Edmundo Joreni das Chagas.....	16/11
Olímpio Antônio B. Cruz.....	16/11
José Lucas A. Franco.....	13/11
José Lucas A. F. Filho.....	13, 11
Maria Lúcia A. Cunha.....	23/11

OS NOSSOS PARABÉNS!

O Ninho dos Artistas é o local de encontro dos Artistas de Brasília, fica na QSD. 55, lote 42, Taguatinga. Foi inaugurada para se discutir a arte, congregá-los e expor os seus trabalhos. (P T O)

As poetisas que participaram na coluna "Momento Poético", no número anterior (ALTERNATIVA nº 12), estão de parabéns. É isso aí, minha gente! Vamos tirar as poesias da gaveta. Sem essa de ficar se amarrando e falar que só faz poesias para si. (Olímpio Jr.)

Resolveram se amarrear Regina e Paulo Luna. Para tanto a primeira chamada já foi dada: realizaram um chá de panela. Paulo é um dos componentes da equipe de arte deste jornal. (Eider)

No último mês de julho, Elias Cavalcanti esteve em Barra do Corda e fez algumas tomadas cinematográficas da cidade e de sua população. Agora, está apresentando-o para quem estiver interessado. Para os saudosos é uma boa pedida. (BIZU)

AVISO AOS NAVEGANTES:

A equipe do ALTERNATIVA espera dos (des)honestos amigos que vierem a receber colaborações em nome deste periódico, que renunciem a nobre intenção de se apropriarem da capenga grana do jornal. (Equipe).

"Só que a bestinha aqui, não cai mais nessa, não." Bradou irritada uma maranhense quando ouviu comentários de se fazer renascer o desaparecido Crenab. Segundo o anunciante, a notícia tomou forma quando se comemorava os aniversários de Ney e Elias em Taguatinga, dia 10 de Novembro. (PIO)

Os estudantes do 2º ano de Comunicação Social do CEUB, estarão editando um livro de poesias em mimeógrafo. Este livro contará com 16 novos poetas.

ZÉ PIGOITA EM BREVES PINCELADAS

Zé Melo

Falava eu no ALTERNATIVA número onze da nobreza de postura do Zé Piguita ante as minhas provocações. Entretanto, o personagem em epígrafe, não perdia momentos oportunos para também dar as suas patadas. Assim vejamos:

— Certa vez, tendo eu que fazer uma prova de matemática, pedi-lhe em prestado a sua calculadora (aliás a única então existente naquelas bandas). De início percebi a pouca predisposição do Zé em ceder-me o solicitado em genho, naturalmente em consequência do nosso já comentado litígio. Mas, de repente, como que anistiando-me de todas as provocações e mal-querenças, sorridentemente me entrega à calculadora dizendo-me para meu espanto:

— Está aqui meu estimado amigo. É para o nosso uso. Só que tem um pequeno detalhe!

— O que Zé? — Pergunto com ingênua curiosidade.

— Terás que adicionar a cada total encontrado a constante 0,2, para que o valor seja coerente.

— Ué! mas por que assim? — Indago um tanto escabriado.

E fitando-me com os óculos escuros na ponta do nariz, desfecha: — É que as pilhas da calculadora estão fracas.

DO LADO DE FORA O INESPERADO

Jeanete Macedo

Lá pelas bandas do Rio Grande do Norte, fechou o tempo. Chocaram-se as nuvens e um terrível estrondo estremeceu os alicerces. De tão forte assustou a mulher, que logo pariu a criança. O aguaceiro durou sete dias. Lavou tudo que tinha de ser lavado. O Mossoró afogou a sede de muita gente, de bicho e planta também.

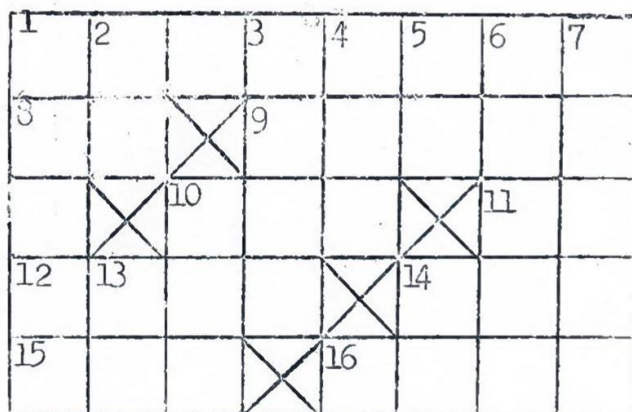
Nascera uma criança e era fêmea — para desagrado de todos. Ela percebeu que não agradara, desde o primeiro instante, que deixara o ventre aquecido. Fizera tanta força para sair, tanta ginástica para evitar que morresse, antes de nascer; asfixiada pelo pró-

prio córdão que lhe mantinha unida à mulher. E agora que saía triunfante, é recebida não com palmas, mas sim com grotescas palmadas doloridas, que fazem vibrar o seu frágil corpo ainda nu. Ficou tão desapontada, sentiu vontade de retornar para o lugar de onde saíra... Já era tarde, tarde demais. A outra mão, irmã da que a espancava, mantinha-lhe presa pelos pés, de cabeça para baixo, como uma ave abatida. Indefesa, só podia chorar e chorou, chorou até cansar. Ninguém se apiedou...

O Uirapuru pela primeira vez cantou naquele ano, a criança ouviu o seu canto satisfeita e pela primeira vez sorriu. Já nem se lembrava mais do quanto havia apanhado, aquele canto tinha um encanto estranho. Fechou os pequeninos olhos escuros e adormeceu. Daquela tamanha felicidade não quis mais acordar.

Seu corpo nunca foi encontrado, também jamais procuraram. Deixaram tudo ao acaso, como o caso do Uirapuru.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS - 1. Aglomeração de árvores; 8. Sigla do Estado do Sergipe; 9. Relativo ao campo; 10. Mau Cheiro, fedor; 11. Símbolo do elemento sódio; 12. Lodo, barro; 14. Genitor; 15. Marca de sabão em pó; 16. Tranca, pau direito.

VERTICAIS - 1. Abrigo; 2. Mulher criminosa; 3. Vaso de feitiço de anfora; 4. Via pública; 5. Símbolo de elemento Érbio; 6. Irritar; 7. Árvore da família das Leguminosas; 10. Patrão; 13. Sigla do Estado do Amazonas; 14. Instrumento de padejar.

R E S P O S T A S - P Á G I N A - 10.

NOSSO FUTEBOL

Edmilson Barros

Desde muito tempo ouve-se falar em futebol tricampeão do mundo, país do futebol, e outras expressões magnas, enaltecendo o nosso Brasil bom de bola respeitado no mundo inteiro, em todas as épocas. Como se diz na gíria: "não perde nem para quem inventou". É, aqueles dias de comemorações antecipadas da conquista de um título mundial já vão muito longe juntamente com Pelé, Garrincha, Vavá, Nilton Santos, Zagalo, etc. Dava gosto ouvir nosso time jogar, podia-se inclusive dar-se ao luxo de prever a quantos minutos do primeiro tempo seria marcado o primeiro gol, só não era possível na época imaginar que futuramente apareceriam o avançadíssimo "over lape" e outras tantas artimanhas técnicas, tão eficientes que deram aos brasileiros o inédito título de Campeão Moral de uma Copa do Mundo. Pois é, o que se pode fazer? Nada. O resto do mundo evoluiu, cresceu; nós não poderíamos permanecer inertes no nosso maravilhoso berçário, precisávamos inventar algo diferente, sair daquela de um no gol, dois mais à frente e o resto no ataque, tínhamos que conquistar o inusitado e terminamos conseguindo graças ao tradicional "jeitinho" do brasileiro, voltando da Argentina em 1978 os tentando a inusitada taça de "Campeão Moral" da última Copa do Mundo. Em 1986, se Deus quiser — sei que Ele quer, a final de contas é brasileiro e jamais trocaria de camisa — nós faremos uma nova façanha, idêntica a do Tri. Já imaginarem 250 milhões de almas canarinhas naquela super-corrente pra frente, no maior carnaval comemorando o título de "Tricampeão Moral Mundial de Futebol"? Vai ser a maior zorra. Só que ro estar vivo.

Há poucos dias atrás, tivemos a oportunidade de ver os jogos da fase semi-final da Copa América. Primeiro, lá em Assunção, vimos uma apática Seleção brasileira ser derrotada pelo apenas aplicado escrete paraguaio. Depois em pleno Maracanã o Paraguai conseguiu com facilidade o empate necessário à sua classificação para a finalíssima. O que nos faltou? Primei-

ramente moralização por parte dos cartolas da CBD, porque como todos nós sabemos, atualmente os jogadores em condições de integrarem uma seleção, pertencem ao Clube de Regatas Flamengo, clube tricampeão do Estado do Rio de Janeiro cujo técnico também dirige a nossa seleção e em gesto altamente anti-patriótico deixou de convocar aqueles jogadores do seu clube, deixando bem claro ser mais importante, no aspecto financeiro inclusive, ser tricampeão, que simplesmente campeão de uma competição que reabilitaria o prestígio do nosso futebol no cenário mundial. Em segundo lugar, depois de Coutinho assumiu a direção técnica da Seleção brasileira, raramente vimos voltar a campo o mesmo time. Outro aspecto é o do treinamento; é escasso, as convocações são feitas são efetivadas geralmente pouco mais de 48 horas antes do jogo, tempo este dividido entre revisão médica, viagem e por fim com os treinos.

É uma pena. No tempo em que éramos considerados o país do futebol, terra dos monstros sagrados e por aí fora o nosso futebol ainda não tinha virado empresa, ainda era um esporte no verdadeiro sentido da palavra, hoje temos que nos conformar com o que nos é oferecido pelo futebol-empresa, o qual nada mais pode nos oferecer que a sensação de um campeonato moral.

Para finalizar, basta lembrar; tamanho é o interesse empresarial, que quando o selecionado embarcou para Assunção, composto de 18 jogadores, era acompanhado de mais de 22 cartolas, ou melhor; empresários ansiosos por melhores negócios para seus clubes, desculpem-me; sob os auspícios da empresa mãe, Dona CBD.

COLABORE COM O "ALTERNATIVA" E RECEBA MENSALMENTE TODOS OS EXEMPLARES — IMPORTÂNCIA ANUAL — Cr\$ 100,00

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE/ESTADO _____

CEP _____ DATA _____

ASSINATURA _____

A VENDA DE VEÍCULOS E A ATUAL CONJUNTURA DA FALTA DE PETRÓLEO

Jeanete Macêdo

Indústrias automobilísticas reivindicam ao governo auxílio de verbas, a fim de assegurarem a sua permanência no mercado, visto que as mesmas estão coagidas à paralisação da venda de seus veículos. Nos Estados Unidos, principalmente, onde grande número de seus carros de passeio foi fabricado com dimensões estapafúrdias e formas luxuosas (estilo Hollywoodiano), a situação é deveras agravante. Essas máquinas são ao mesmo tempo, sedentas e insaciáveis consumidoras de combustível; dispendiosa é a sua manutenção. Vendê-las torna-se um empreendimento difícil. Algumas são doadas às instituições de caridade, por seus proprietários, que preferem ofertá-las, a negociá-las por um preço irrisório. Entretanto, quem a recebe, não sabendo o que fazer com a "tralha", oferece a algum museu, para que a preserve como patrimônio histórico nacional. Por outro lado, indústrias modernas cada vez mais aprimoram suas técnicas na produção de carros menos exibicionistas e mais funcionais, adaptáveis às nossas atuais circunstâncias catastróficas; isso impede, indiretamente, a comercialização dos suntuosos mausoléus de suas inócuas concorrentes.

Ameaças de desempregos em massas, greves, mudanças repentinas, de caráter irrevogável, nos órgãos ministeriais, inflação em cima de inflação; ninguém consegue equilibrar a "balança"! No mundo todo, a escassez do petróleo vem gerando conflitos deploráveis. Essa fonte de recurso, de caráter irrenovável, ameaça deixar-nos definitivamente, em um futuro bem próximo. Esperamos, contudo, que ele não nos abandone antes de adaptarmos-nos com seu verdadeiro sucessor — que tudo indica ser o álcool —, o qual irá substituí-lo em suas tão preciosas e necessárias atividades a serviço da população, ou até que, descobramos outra solução viável para suprir a sua ausência.

Urge que prossigamos com a drástica marcha de racionalização, para mi-

nimizar o consumo do petróleo. Essa seria uma das positivas medidas anti-inflacionárias. Quem sabe — Alá —, o todo poderoso, interferirá por nós, junto aos nossos diletos irmãos mulgumanos (membros da OPEP), e esses, sensibilizados, venham em nosso auxílio, oferecendo-nos os seus préstimos complacentes?...

Jeanete R. de Macêdo
estudante de Comunicação no C.E.U.B.

NOVA FASE

A partir deste número, entramos no segundo ano de atividades. No primeiro, divulgando os acontecimentos pertinentes a colônia maranhense, procurando uní-la ainda mais, conquistamos a confiança do leitor em relação ao nosso trabalho dando coragem para proseguirmos.

Nesta nova fase, pretendemos galgar ainda mais um pouco dessa confiança em nós conferida e partirmos para um empreendimento mais ousado. De um simples jornal de colônia e rodado em mimeógrafo, estamos planejando para breve, um jornal mais amplo, impresso em offset, voltado inteiramente para a coletividade.

Sem dúvida um grande salto, principalmente quando temos de levar em conta, uma série de fatores que requer seriedade e acima de tudo responsabilidade para com o receptor. Apesar de tudo isso, nada nos impede a realização de semelhante coisa. Contando com o apoio deste pequeno, porém indispensável mercado, acreditamos na possibilidade do sucesso.

Portanto, tradicional leitor, a idéia inicial não morre aqui, ao contrário, revigora-se. Só que em vez do rótulo de Jornal de Colônia Maranhense, passaremos a atuar em todas as esferas da população, com maior tiragem e preço fixo.

Por outro lado, queremos comunicar que até a concretização do novo projeto, que esperamos para breve, continuaremos com o proposto de antes, o início, ou seja, voltado para a colônia maranhense.

José Murilo Milhomem



— Bêbado de novo, 'que vergonha! — De novo, não. É o porre' de ontem, ainda.

— Como foi que o Senhor se tornou para-quedista?

— Fane no motor.

E o garotinho, perdido na multidão, se aproxima de um guarda, chorando e indaga: — Seu guarda, o Sr. não viu por aí um homem e uma mulher sem um menininho assim como Eu?

Na aula: — Joãozinho, por que foi que os índios comeram Dom Sardinha? E o Joãozinho muito surpreso: — Eu nem sabia que ele era Bicha!

Sua Exa. o Governador falou ao secretário particular: — Marca uma reunião com todo o secretariado para a próxima sexta-feira. Sexta é com S ou com X?

Perguntou o secretário. E o Governador respondeu: — Antecipa para quinta.

Na escola, falava a professora: — Os Egípcios consideravam a vaca um animal sagrado, intocável. E o Joãozinho: — Mas, o touro concordava muito com isso não né professora?

Quando foi que iniciou a guerra dos cem anos? Perguntou a professora. Nenhum aluno respondeu. Silêncio total. Aí o Joãozinho falou: — Eu sei quando foi que terminou, professora. — E quando foi. — Cem anos depois.

O freguês entrou na alfaiataria: — Quanto é o feitiço do Terno? — Dois mil cruzeiros — respondeu o alfaiate. — Dois mil??? — Falou o freguês. — Mas, isto é um roubo. — Mas eu levei 7 dias pra fazer seu terno. — Ora em 7 dias Deus fez o mundo. — É mas não foi sob medida não, meu velho!

A famosa sociedade se — crete dos Es

CURIOSIDADES

Conta-se que um comediô — grafo ingles

tados Unidos denominada Ku Klux Klan, originou-se em 1866, sem nenhum propósito extremista, quando alguns rapazes, reunidos no escritório de um advogado, no Estado do Tennessee decidiram fundar um clube. Um sugeriu o nome Kukloi, plural da palavra grega Kuklos, que significa círculo. Outro propôs que se escrevesse Kuklux, e ainda outro, que se ajuntasse Klan, de formação de clã.

Não se sabe de que modo um simples clube de estudantes acabou por se transformar numa das mais terríveis instituições de toda a história dos Estados Unidos.

A assinatura que, até hoje, foi objeto de maior número de falsificações é a de Antonius Stradivarius.

Você sabia que o "ALTERNATIVA" é o único jornal da Colônia Maranhense?????

Noel Coward, querendo divertir-se um dia, mandou recados idênticos a 20 homens mais importantes de Londres. Dizia o recado: "Descobriram tudo! fuja enquanto é tempo". Os vinte saíram imediatamente da cidade.

A palavra "laser" foi cunhada da expressão inglesa equivalente em português a "amplificação da luz por meio da radiação estimulada". O laser produz um estreito feixe luminoso. Tal feixe difere da luz ordinária no fato de ser coerente ou compacto. Um feixe luminoso coerente não se espalha como o faz a luz de um holofote ou de uma lâmpada comum.

Pode-se dizer que ele atravessa o espaço como se fosse um único raio. Esse feixe marca com um ponto de luz para o qual é dirigido.

COLABORE COM O "ALTERNATIVA"
COLABORE TAMBÉM COM ESTA-COLUNA.

ALCÂNTARA, PASSADO E PRESENTE

Paredes com teto de mato — mato tem olhos, parede tem ouvido —, exige a cidade que se diga: "Digam que meu nome é Alcântara." Mas, já se chamou "Tapuytaperá" e "Santo Antônio de Alcântara".

A história dessa cidade situada a noroeste de São Luís, no litoral maranhense, começou em 1637. Mas, antes os franceses que ocuparam o Maranhão (1612 a 1615), a utilizaram construindo casas e armazéns estocadores da produção de algodão, antevejo de uma promissora colônia: França Equinocial. Sonho, esse, desfeito pelos portugueses.

Desempenhou, desde então, principalmente nos séculos XVIII e XIX o mesmo papel de Olinda em relação a Recife. Era o local de trabalho de comerciantes portugueses. Afortunada classe que mantinham residência conjunta com a aristocracia rural em Alcântara.

Dessa aliança, Alcântara foi, por várias gerações, berçário de afamados intelectuais — muitos provinidos de Universidades como Coimbra em Portugal, Sorbonne na França. Casarões, palacetes e seus sobrados revestidos de azulejos portugueses, atestam a opulência vivida por essa cidade que, ostenta nos nossos dias, o mais belo conjunto arquitetônico de prédios em ruínas dos séculos dezessete e dezoito existentes no Brasil.

Abandonada em meados do século passado, devido o surto de desenvolvimento de outras regiões do Maranhão possuidoras de terras mais férteis, a quatrocentona Tapuytaperá se viu, desde então, relegada ao esquecimento; à morte.

PROMESSAS

Residem, atualmente no seu perímetro urbano duas mil pessoas aproximadamente, que vêm clamando ao Governo do Estado um papel condizente como fonte turística. Dessa maneira, a partir de 1978 metas prioritárias foram prometidas pelo Estado do Maranhão, uma delas, a cons-

trução de uma estrada pavimentada, ligando São Luís a Alcântara, quando no momento só se consegue por via marítima (duas horas de barco), ou por via aérea (quinze minutos).

VIDA NORMAL

Enquanto as soluções não chegam, Alcântara abriga seus poucos turistas em um paupérrimo hotel — a mercê de estrutura.

Para Josué Montello, autor de várias obras literárias, "tudo que se fizer no sentido de preservar unicamente o conjunto arquitetônico e urbanístico de Alcântara, em termos de previdência ligada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, será correto mais ineficaz. Para alcançar uma realidade viva, Alcântara precisa ter existência normal de cidade."

PROVANDO A HISTÓRIA

Lutando ao que está fadada, Souzaêdrade (parte de sua família viveira em Alcântara), em 1857 denunciava em versos: "(...) Alcântara/ Negra ossada de incógnito cadáver/ Em sepultura abandonada, bela/ Cingida de barreiras como sangue..."

Dos púlpitos das suas igrejas, ainda permanecem ecoando os discursos do padre Antônio Vieira — quem sabe —, gravados nas velhas paredes — parede tem ouvido... Que prove a história e o ditado.

==== CONTINUAÇÃO DA PÁGINA — 06 =====

==== PALAVRAS CRUZADAS - RESPOSTAS =====

HORIZONTAIS - Arvoredo - Se - Rural
Omo - Vara.

VERTICAIS - Asilo - Ré - Orca - Rua
Er - Danar - Oiala - Amo
Am - Pá

====
"Ó maravilha!
Que adoráveis criaturas aqui estão!
Como é belo o gênero humano!"

Ó admirável mundo novo que possui gente assim!"

William Shakespeare.

"A tempestade", Ato V.

MOMENTO POÉTICO

PESO DOS ANOS

Osmar Monte

Os meus dias pesando sobre os ombros,
fazendo um marco de amor mais vital,
ora citilam, ora são escombros
sempre na busca de um bem ideal.

De olhos cansados de ver horizonte,
numa esperança de encontrar a sorte,
prossigo erguendo sempre a mesma fronte
até o momento de encontrar a morte.

Ser feliz nesta vida, ah quem me dera!
Ter nos lábios as doces alegrias
e na alma a placidez da primavera.

Mas hoje sinto o peso dos meus anos;
sonhos desfeitos, ilusões tardias,
e as duras marcas dos meus desenganos.

AS DUAS CHEGARAM

Celso Araújo

No dia delas, chuva em Brasília
irmãs de minha filha candangas
as tuas te riscaram
o corpo de veias.

Bicho, é assim mesmo,
olha, na maior
e enquanto a madrugada
sangra vidas

adorneces fera farta uterina.
De onde vieram elas? De que ruas,
teatros, becos, campinas,
paulistas noites, cerrados frios?

De um beijo inédito
ou de um coito longo
ou de uma festa louca,
loucura, incrível?

Ser mãe é aceitar
a faca na barriga
no momento em que
explode a convulsão
olhos, bocas e pare
outros olhos e bocas.

Ser mãe é detonar uma por uma veia:
desplastificar o corpo, esvair-se
enquanto duas meninas-joaninha,
rosinha - saltam para
fora dessa aldeia.

S A F R A S

Salomão Sousa

No primeiro ano de casado,
a roça deu em maravilhas.
Deu o que plantou
e o que não plantou.
O arroz, a taioba, o joá na quei-
mada.

E assim os próximos cinco anos
até que o quinto filho nasceu.
Daí a roça se afastou
para os matos de mais longe.

Quando os cambitos dos filhos
deram para afinar
e ficar descobertos,
o mato de dar de comer acabou.
Teve que repetir
na terra de antes.

A plantação para o nono filho
não vingou.
Agora, no décimo filho,
nem mesmo plantou.

BLACK-OUT

Viriato Gaspar

O homem comprou o peixe verde e pá-
lido sem saber que o pescador tinha
comprado e foi pra casa de táxi ama-
relo

sem saber que faltava gasolina
deu o peixe à mulher que levantava
sem saber que dormira a vida inte-
ra

e a mulher temperou e pôs no fogo
sem saber que o progresso era atra-
sado e no almoço comeu o peixe assa-
do sem saber que comera o mês passado
e depois foi dormir e acordou morto
sem saber que o progresso
e a gasolina

a vida, o pescador, e mês passa-
do era tudo conversa,
"faz-de-conta"

e que o peixe era ele no mercado
vendido em câmbio negro
e mal pesado.

CADÊ O DÓ DE PEITO?

Becam

A voz, ao que parece, não é mais fundamental para quem quer iniciar uma carreira na música Popular Brasileira. Basta ser compositor, o que é um mérito, mas que é também outra coisa. Cantor, só cantor, é o Nelson Gonçalves.

Antigamente, orquestra, coro e principalmente o cantor, gravavam uma música ao mesmo tempo. A cera para a confecção das matrizes eram importantes, o que queria dizer, que também muito caras. Quanto menos cera fosse utilizada, melhor para a gravadora em termos de lucros, se bem que estes hoje são melhores, uma vez que se dispõe de recursos melhores. Culpa dos tais recursos, que fizeram com que os compositores passassem a ditar músicas, concorrendo com os que cantavam em seu próprio mercado de trabalho.

Diz o Sérgio Cabral, grande coordenador de nossa MPB, que a grande responsável pelo não aparecimento de novos cantores foi a Bossa Nova. Pois foi aí que todo o mundo cantou. Desafinado. A música é como o Tom Jobim. Mais: Vinícius, Carlinhos Lira e outros que também doem aos ouvidos. Não digo que todos os compositores cantam mal. Há os que cantam e muito. Mas, são curiosos raros. Culpa das gravadoras, da fome de lucros, dos compositores. Destes, que cantando além de ganharem os direitos autorais, passaram a ganhar também os fonomecânicos, que antes eram exclusividade dos cantores propriamente ouvidos. Cantor canta o quê? Músicas já conhecidas e acostumadas do público, antes gravadas pelos compositores. Há também os dispositivos publicitários acionados pelas gravadoras, que aproveitando modismos efêmeros, fazem com que pretensos cantores tenham grande vendagem de discos, quando na realidade o que sabem fazer é dançar e rebolar mal sobre um palco.

Eu sinto falta. E pergunto: Cadê o Dó de peito?

O CREMAB NÃO MORREU

Entre os membros responsáveis pelo CREMAB — Edésio Gomes Cordeiro, sem dúvida, está entre os principais. Fundador, sócio número um e Presidente do Clube, desde o surgimento até quando foi decretada malograda nos seus objetivos.

Mas, se ainda perdura alguma dúvida em termos do malogrado empreendimento, não foi por falta de experiência de Edésio, pelo contrário: membro do Grupo de Jovens Católicos em Barra do Corda; Presidente dos Estudantes em 1972, na mesma cidade e Secretário, aqui em Brasília, de várias famílias cordinas que se reuniam nas festas de São João.

Procurado pela reportagem, ele garantiu que "o Cremab não morreu completamente." E então, relembra: "Em 1976 realizamos um tipo de congressamento da turma maranhense na minha casa, mais restrito esse encontro aos de Barra do Corda. Aí, nós oficializamos, entre os presentes, a idéia de um clube. Logo depois fazíamos todos os domingos na casa do Enio uma reunião. Estava tudo bacana, ia tudo bem, quando começou a haver essa força de esfacelamento — nós éramos muito democrático, quem decidia era o grupo —, demos um impulso na Casa do Maranhão e indiretamente acabou falindo o nosso movimento."

Sobre o dinheiro que acumularam, disse que já foi procurado pelo tesoureiro (Gilson), para a prestação de contas: "Vamos reunir a diretoria e prestar esclarecimentos."

Modesto, Edésio não se considerava um líder naquela época, apenas "um esforçado que possuía uma certa autoridade." Assim, diz que toparia tranquilamente a volta do Cremab, salientando que no momento só está preocupado com o seu curso (Direito), mas não menospreza a idéia de uma futura volta do Cremab, argumentando que "aquilo que nasce com a gente, nunca morre."

PARTICIPE, ENVIANDO POESIAS, CONTOS, E CRÔNICAS. — COLABORE — ALTERNATIVA

SITUAÇÃO DOS CANELAS É DENUNCIADO

Várias denúncias foram feitas recentemente (Outubro) na grande imprensa pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e pela Comissão Pró-Índio do Maranhão contra o antropólogo William Crocker do Smithsonian Institute pelo qual foi afastado e cancelado seu visto de permanência na aldeia Escravato, dos índios Canelas em Barra do Corda, Maranhão.

As denúncias apontam que o antropólogo estava promovendo a descaracterização da cultura indígena, e impedindo o desenvolvimento comunitário dos mesmos. Assim, segundo as denúncias, ele ainda teria convencido os Canelas a alterarem o calendário de suas festas religiosas para que coincidissem com o período em que viria a passar entre eles.

O jornal PORANTIM de Manaus, Am, órgão em defesa das causas indígenas, numa de suas edições, também acusou o norte-americano mais veementemente. Segundo o jornal, Crocker "montou uma mini-CIA na aldeia dos índios Canelas onde entrou com um saco cheio de moedas".

Outra ocorrência denunciada atribui ao antropólogo de que "teria estimulado os Canelas a se desinteressarem das atividades agrícolas, em troca de gorjetas, presentes e donativos criando uma situação de servilismo, de descaracterização da economia tribal".

Enquanto a Funai apura as acusações, uma CPI regional requerida pelo deputado estadual Fernando Falcao sobre os conflitos de Barra do Corda, vêm sendo protestada pela imprensa maranhense por estar só realizando sessões secretas, não dando oportunidade aqueles que tem o interesse de defender os índios e a situação que perdura em Barra do Corda.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O antropólogo norte-americano William Crocker "não tinha sido afastado de suas funções pela Funai". Garantiu um informante que não quis revelar o seu nome, permanecendo no anonimato. Disse, porém, que o afastamento do antropólogo teria sido uma medida arbitrária do Chefe da Ajudância de Barra do Corda, acrescentando, inclusive, que o antropólogo estivera em Brasília, agora em novembro, mas já retornou ao seu país.

AMA A TI MESMO

Alcimar F. Pereira

Não te humilhes diante de teu Deus, Ele é velho e odeia o cabelo em teu ventre, ainda que ele seja Ele o único a libertar, com um alicate invisível, a tua alma, no momento em que teu corpo, explodindo, ou queimando, ou se esfacelando, ou apodrecendo rapidamente estiver prestes a encurrá-la irremediável e definitivamente entre vísceras, carne e ossos.

Ama teu cérebro, agora, habitável pela amarga loucura importuna, que chega com hóspede exigente mas que logo habitua-se ao caos, e quando, visitado pelo fogo ou o silêncio, se paralisa em plástica descrença, permanecendo forte apenas para a branda tecitura da heresia.

Ama a alavanca, não apenas agora, que seu pequenino estômago de veludo ainda vomita loucura; mas quando se deitar, irremediavelmente, para sempre, como um negrinho bêbado e solitário que se dissolve na sarjeta, num núcleo de vertigens incendiadas, e a cicatriz idiota entre as coxas, com que jamais te acostumarás.

Ama o útero, ele é bom e pode oferecer alimento e curiosa hospedagem ao estranho, em sua lenta passagem, e ama a Boca, ela será a única a formar o beijo morno da compaixão sobre o rézinho gelado e vermelho do câncer.

Ama ainda o olho cego, vazio, estúpido, atrás, atrás, porque ele merece também o sol; por sua natureza de anjo accidental.

Respeita o umbigo, inofensivo, perigoso e impossível alcapão para dentro de volta ao Nada. Ama teu crânio - o duro limite de osso solapado - onde o Espírito prefere esgondar-se como uma criancinha no sótão, com todos os seus buracos, por onde desconfortavelmente Lúcifer se esgueira com sua legião de sonhos, por exemplo: teus olhos, tão suficientes, que o aparecimento de um detestável terceiro olho te faria vomitar, estupefato de encontro ao espelho. Ama e respeita a ti mesmo, e não deves abandonar-te, e não deves dizer adeus a ti mesmo, justo agora, num tempo tão terrível, enquanto, como três pequenas silhuetas de anão, leproso e palhaço, urinando, capturados ao crepúsculo por uma fotografia colorida, esperas tão impacientemente; pelo futuro.

Alcimar F. Pereira

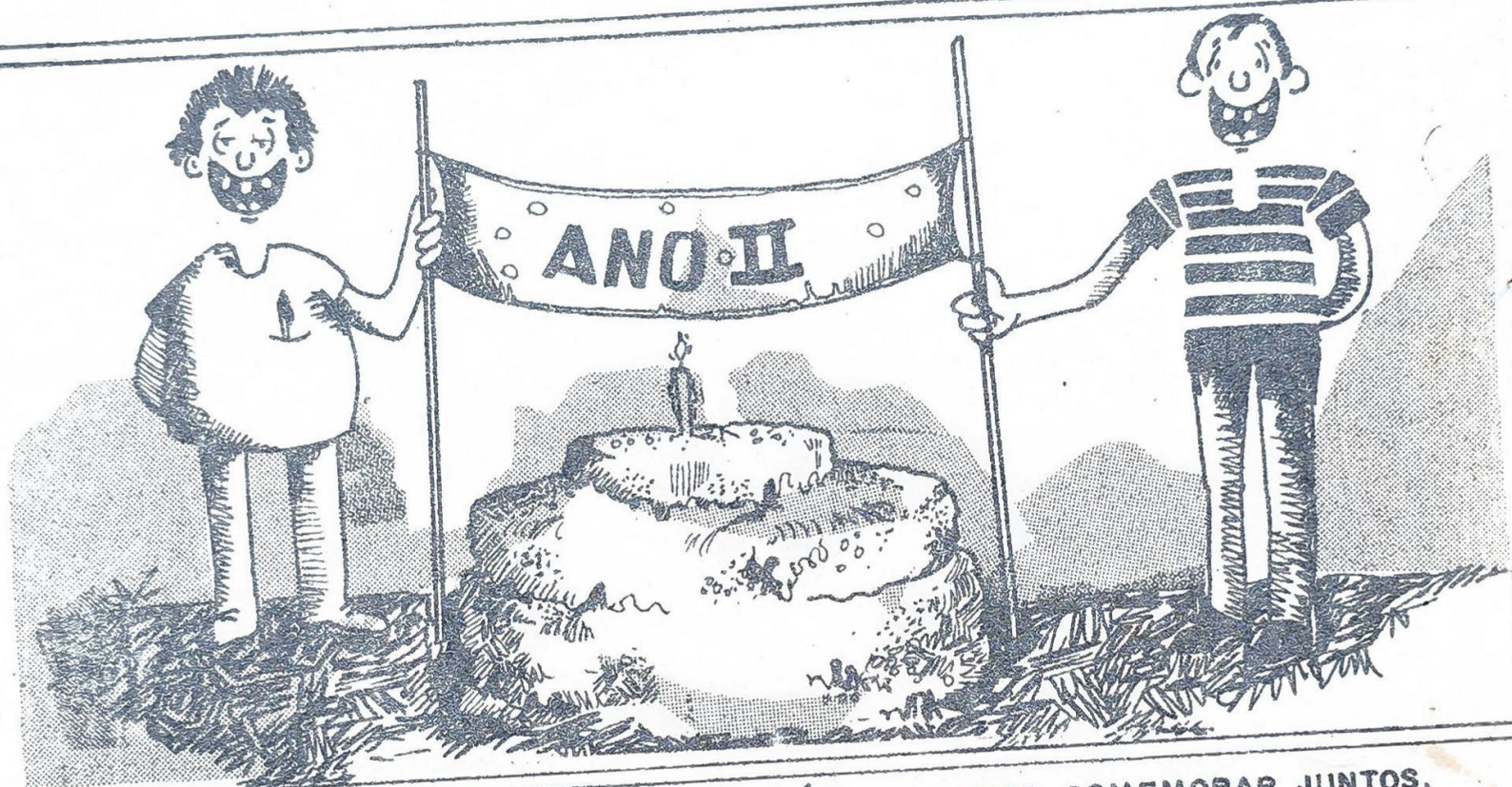
estudante de Comunicação no C.E.U.B.

NOVEMBRO

ALTERNATIVA

14

ESPAÇO DESTINADO A VOCÊ. ENVIE SUA CARTA.



FAÇA SUA ASSINATURA NO 12º ANIVERSÁRIO, E VAMOS COMEMORAR JUNTOS.

